

NOGUEIRA, Maria José Morais Pupo. Colombo: a sua coluna. Correio Popular,  
Campinas, 18 dez. 1974.

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010006

## "A Sua Coluna"

# COLOMBO

Maria José Morais Pupo Nogueira

Após dez anos de espera, o sóbrio, elegante e moderno Teatro Municipal ressurgiu, com outras formas e outras grandezas. Colombo e Carlos Gomes, inauguram-no. Dois gênios de genialidade diferentes, separados pela terra e pelos séculos, confundem-se em uma só alma para garantir aos homens que nada neste mundo é deixado ao acaso, que tudo se reúne ao Todo, para a meta infinita. É essa a maneira pela qual a Providência lança mão para determinar os destinos e sagrar o dom inefável da vida.

Descerra-se a verde cortina do palco e, na penumbra azulada, a ressuscitada figura de Colombo restituída por Carlos Gomes. É a magia da arte.

Lá está ele, triste, agoniado, perdido no seu sonho profético, marcado pela descrença humana. Quem é que pode penetrar no âmago de sua certeza inabalável, medir o alcance de sua profecia, associar-se à visão das duas Américas ligadas por um istmo? Quem acredita que é ele o revelador da Criação? Quem o escuta sem aquele indefectível sorriso de escárnio atirado aos loucos e aos fanáticos? É esse sorriso que o persegue em suas andanças às cortes e aos poderosos do velho mundo, anunciando o novo mundo.

Caem-lhe os braços ao longo do corpo. A amargura escorre de seu espírito indomável e ele busca a resignação e a paz no convento de Rabida. Nada o acalma, nada lhe apaga o fogo que se alteia e cresce e se lhe derama em cada célula do corpo, em cada pulsação, em cada hausto de ar: — Quero ar, quero ar.

O sonho se confunde ao ar, à terra, ao sol, ao universo. É o seu grito de vida ou de morte que não cabe em si mesmo. Mas não tem mais do que as palavras, e as palavras não traduzem o frêmito de Deus em seu sangue. "Dessas palavras, sou eu e de que sinto o horrível esforço. Para mim nada mais são do que o esticar assíduo de meu corpo para fora da matéria inanimada." É a terra de Deus, o desejo da terra de Deus, o desejo de possuir a terra de Deus! Ela está virgem, intacta. É preciso tomá-la nos braços para sentir-lhe a redondeza ofegante, o cheiro úmido da seiva, exuberante verde das florestas. "Ah! quanto tempo demorarei ainda para atender o apelo desse sol que me convida a acompanhá-lo? Quanto marcharei de um mundo a outro, por este tapete de púrpura que se desenrola a meus pés?"

O frade o escuta. É um sonho impossível! Mas se aquele homem o procura para a meta da vida ou da morte, não pode estar embriagado por uma mentira. Nem pode ser ilusão a labareda que fulgura naquela alma e a força que lhe salta do corpo além do corpo, como um raio capaz de estremecer o mundo. Talvez o frade escutasse no mistério do tempo, a posterior inspiração de Schiller: — "Vai avante! Se a terra que procuras ainda

não foi criada, Deus a fará emergir dos mundos do nada a fim de justificar a tua audácia".

O frade compreende o verdadeiro sentido que incendeia a alma de Colombo. Leva-o à sorte de Espanha. A mesma descrença, o mesmo sorriso atirado aos poucos e fanáticos. Porém lá está Isabel que o escuta e que sabe sentir que, por trás de Colombo uma conquista maior se organiza.

— Que tendes a oferecer a Sua Majestade que seja maior que a Espanha?

— Tenho a terra inteira para lhe oferecer.

— A terra pertence a Deus.

— Esposei a vontade de Deus.

— E onde está o penhor desses santos esposais?

— Neste anel que a pomba me trouxe.

— Colomba — pomba — Columba Christum ferens. Ai dos que carregam o Cristo! Ai dos que descobrem o mundo!

Na caravela está o seu destino rumo à história. Mas o mar é selvagem. O fragor da procela levanta a revolta dos marujos ante os abismos que se abrem. Sentem que foram arrebatados por uma onda de loucura que os escandeia à destruição. É preciso acabar com o condutor da caravela, o louco que esgotou a imaginação na morte de suas vítimas.

A música se acumula, explode em pleno mar, ao grito do homem que tem fé.

— Tenham confiança em mim.

Ajoelha-se. É urgente encontrar além do horizonte a outra metade da terra, restituir à humanidade o que lhe pertence. "Estes pés são vossos pés, mas eis que ando sobre o mar e piso as águas do oceano em triunfo".

Os pássaros voam anunciando a terra. As ondas se acalmam e vêm lambem a caravela liberta.

Nenhuma palavra é necessária. A música toma o espírito da vitória. VITÓRIA. O sonho aderiu ao real! Em todas as direções, em toda parte, no céu e na terra, a palavra Vitória tem a substância dos seres e das coisas. Vitória, Colombo, mandatário de Deus.

Encontro de dois mundos na figura da Índia, bela, inocentemente nua, e o espanhol que vai possuir a terra. A música torna-se leve, heterogênea, misto do velho e do novo, do amor e da cobiça. Outras figuras aparecem no palco da história. Assustam a bela Índia, amedrontam-na. O que será de mim? É a América que se pergunta nos trêmulos lábios nativos: — Que será de mim?

Colombo pensa em Isabel: É a humanidade que é preciso reunir, a obra de Deus que é mister terminar, essa terra que é tua, Isabel, que Deus te deu como o porto do paraíso, para que a tomes entre as mãos para participar com ela da essência da vida. Eis a vitória que ele enxerga.

Fernando torna-se o mais poderoso rei da terra e Colombo, após a exaltação da glória, começa a carregar o Cristo e sofre os maiores ultrajes que já foram suportados por um homem.

Carlos Gomes não quis chegar até a ingratidão de Iscariotes. Pára, humano e misericordioso, aos pés da nova terra, no fulgor da vitória:

— Primogênita serás  
dessa nova humanidade!